

# O pragmatismo de Peirce e a comunicação

## *Peirce's pragmatism and communication*

Adriana Braga e Mônica Chaves comentam o artigo de Francisco José Paoliello Pimenta e Marina Aparecida Sad Albuquerque de Carvalho

### **Adriana Braga**

<https://orcid.org/0000-0002-0307-3470>  
[adrianabraga@puc-rio.br](mailto:adrianabraga@puc-rio.br)

Professora Associada no Departamento de Comunicação/PPGCOM da PUC-Rio, pesquisadora do CNPq. Vice-Presidenta eleita da Media Ecology Association – MEA/USA. Coordena o Grupo de Pesquisa em Interações Digitais – GRID/CNPq. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos/RS e Bacharela em Psicologia. Sua Tese de Doutorado foi vencedora dos prêmios CAPES de Tese (MEC/Brasil) e Harold Innis Award (EUA). Participa do conselho editorial de periódicos acadêmicos nacionais e internacionais. Foi editora do periódico científico E-Compós (2010-2014) e coordenou por dois mandatos consecutivos o GT Recepção: Usos e Consumos Midiáticos, da Compós. Atualmente coordena o Laboratório de Mídias Digitais – LabMiD. Em 2019, foi professora visitante no Department of Communication da University of Macau, China.

<http://lattes.cnpq.br/8424786953911830>

### **Mônica Chaves**

<https://orcid.org/0000-0002-9424-8036>  
[contato@monicachaves.jor.br](mailto:contato@monicachaves.jor.br)

Mestra em Comunicação Social pela PUC-Rio. Pós-graduada em Comunicação Integrada pela ESPM. Graduada em Comunicação Social pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Foi professora de Cultura Digital e Produção de Conteúdo na Universidade Cândido Mendes. Tem experiência na área de Comunicação Corporativa e é fundadora da Ecoar Educação para Mídias, consultoria em educação midiática.

<http://lattes.cnpq.br/1216320498816713>

Os processos da lógica formal utilizados por Peirce foram sistematizados por Aristóteles no *Organon*, a partir dos processos de dedução, indução e abdução, que possibilitam o estudo sob a forma de uma estrutura silogística. É importante ressaltar que suas origens têm base

na filosofia aristotélica. Peirce chamou de “abdução” o que Aristóteles chamou anteriormente de silogismo hipotético.

O texto de Francisco e Marina começa por nos lembrar o permanente debate sobre o objeto de pesquisa, as especificidades e os limites na delimitação da área da Comunicação no campo da ciência. Assim, explicita a crise identitária que parece caracterizar os estudos de Comunicação em geral e especialmente no Brasil nas últimas décadas.

O texto parte da mencionada crise identitária da área para apontar como “procedimento” para a “saída frente a dificuldades” da pesquisa (“indefinição de perfil”, “delimitação do problema”, “fronteiras interdisciplinares” e “falta de repertório”) a “adoção do método pragmático, criado pelo lógico Charles S. Peirce”. Ou seja, a solução apresentada para “fazer frente a tais dificuldades” é a adoção de uma teoria do final do século XIX, o pragmatismo peirceano, que, por sua vez, é uma releitura de técnicas filosóficas da lógica formal, conhecidas desde a Antiguidade clássica. O texto apresenta tais processos como de Peirce, mas suas origens estão na filosofia aristotélica.

Peirce estava familiarizado com os processos clássicos da lógica formal pelos quais a mente humana formula juízos válidos e descobre os juízos não válidos. Peirce trabalhou com a teoria da lógica para explicar processos mentais de descoberta da verdade. Sua preocupação era com a lógica das expressões proposicionais, a propósito das quais tem sentido perguntar se são verdadeiras ou falsas. Entretanto, a comunicação humana comporta expressões muito distintas das expressões proposicionais filosóficas, tais como juras, perguntas, pedidos, promessas, profecias, ameaças, entre outras tantas. Nesse sentido, nem a lógica aristotélica clássica, nem sua

reformulação peirciana parecem oferecer propriamente respostas para o grandioso domínio da comunicação humana. Ou seja, é impossível perguntar propriamente em termos lógicos se uma promessa, um pedido ou uma profecia são verdadeiros ou falsos. A única constatação possível a esse respeito será no futuro, se foram realizados ou não. A maior parte das expressões humanas produzidas não realizam um único ato apenas. Por exemplo, é possível fazer, em uma mesma pergunta para uma pessoa, uma sugestão a uma segunda e uma ameaça a uma terceira, presente na mesma situação.

Para Peirce, o conhecimento de qualquer fenômeno relaciona três categorias da experiência, que ele chamou Primeiridade, Secundidade e Terceiridade. Peirce renomeou as noções de abdução, dedução e indução para evitar qualquer resquício de subjetividade na sua teoria.

*O movimento fundamental de Peirce é afastar sua semiótica do psicologismo, não ignorar a psicologia, ciência que muitas vezes cita e comenta, mas fundar um estudo do sentido, da geração de significado na lógica (Andacht, 2004, p. 49).*

Para o autor, a categoria da Terceiridade é a única que se refere à cognição, enquanto as outras duas “só podem ser consideradas cognitivamente se assumirmos uma postura analítica diante da nossa própria experiência” (Michel e Andacht, 2016, p. 248).

No artigo relatado, propõe-se como objeto empírico para a aplicação do “método pragmático” as “comunicações ou produções multicódigos”. Seria possível pensar em alguma comunicação que não seja multicódigos? Seria possível produzir uma comunicação monocódigo? Garfinkel, em seus célebres *breaching experiments*, solicitava a seus estudantes a realização de um experimento durante as férias: falar com os seus familiares apenas utilizando palavras no mesmo tom, de olhos fechados e sem gesticular. As situações desastrosas resultantes inviabilizaram a continuidade dos experimentos.

\*

Ao longo do texto, vários conceitos são trabalhados sem uma definição que possibilite o entendimento de sua aplicação, como é o caso das expressões “ambientes multicódigos”, “pensamento mutante/geração de pensamento em transformação” ou “efetividade comunicacional”. Entendemos que tais conceitos se referem a uma pesquisa realizada anteriormente, utilizada como base para as teorizações apresentadas ao longo do artigo. Entretanto, as opções metodológicas utilizadas poderiam ser melhor justificadas para reforçar o potencial da proposta metodológica defendida. Por exemplo: como foram levantadas as “hipóteses” no processo de abdução?; como são caracterizadas as especificidades dos “ambientes

multicódigos”?; quais foram os critérios utilizados para a elaboração das “previsões de efeitos”?; como foram “descobertas as regularidades”? Que aparato metodológico permitiu a confirmação das hipóteses da etapa de abdução? Que critérios orientaram a estipulação das categorias (“teóricos, ativistas, gamers”) e a composição dos grupos? Como foram enfrentadas as sobreposições categoriais? Como apontar tendências de cada grupo, por exemplo, quando uma mesma pessoa pode ser ao mesmo tempo pesquisador/a, ativista e *gamer*?

A segunda hipótese foi identificada como “não tão óbvia assim”: “produções multicódigos estimulam a geração de pensamentos em transformação, permitindo maior efetividade comunicacional”. É difícil entender os termos desta hipótese e seu significado sem conhecer as definições de seus três termos, como apontado acima. Mas, em um esforço de compreensão, digamos que as tecnicidades dos meios digitais afetam a cognição das pessoas, que, por sua vez, afeta a eficácia de sua comunicação digital. A ideia de que diferentes tecnologias de comunicação modelam a visão de mundo, a psicologia e a cultura das sociedades humanas há mais de 70 anos vem sendo desenvolvida por uma longa linhagem de teóricos/as.

Eric Havelock (1995) identifica o interesse em investigar sistematicamente culturas orais e escritas já no início dos anos 1960, apontando quatro textos seminais na construção desse campo de pesquisa, que colocaram no centro de suas preocupações as transformações da consciência humana promovidas pela tecnologia da escrita e da imprensa: *The Gutenberg Galaxy: The Making of Typographic Man* (McLuhan, 1962); *La pensée sauvage* (Lévi-Strauss, 1962); *The Consequences of Literacy* (Goody & Watt, 1963) e *Preface to Plato* (Havelock, 1963). Os meios de comunicação passavam por transformações significativas neste momento histórico, contribuindo para um interesse renovado e a legitimação deste campo de estudo. Entretanto, já nos anos 1920, o trabalho de Milnam Parry *L'épithète traditionnelle dans Homère*, publicado em 1928, é um dos estudos pioneiros desse campo (Ong, 1998; Havelock, 1995).

Marshall McLuhan já apontava o caráter transformador das mídias nos processos psicológicos, sociais, culturais e cognitivos com o seu mais famoso aforismo “o meio é a mensagem”. McLuhan tentava chamar a atenção para o caráter ideológico de qualquer tecnologia, seja a linguagem, os objetos técnicos ou os dispositivos de enunciação. Oriundo da mesma escola, Walter Ong, desde o seu texto *Ramus: Method and Decay of Dialogue*, publicado em 1958, dedica-se a caracterizar a alteração da consciência resultante da inserção das mídias/tecnologias nas culturas e sociedades humanas.

Importante ressaltar que nos estudos da chamada Escola de Toronto “meios” ou “mídias” (*media*, em inglês e latim) são entendidos como todo objeto técnico

ou *know-how*/tecnologia para mediação humana com o mundo natural, físico. Nesse sentido, uma linguagem, como a fala, é entendida como uma tecnologização do pensamento; a escrita, por sua vez, é entendida como uma tecnologização da palavra falada. Neil Postman, outro expoente da Escola de Toronto, alerta em seu livro *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia* (1994) que a inserção de qualquer tecnologia na cultura traz consigo uma visão de mundo própria, alterando o próprio significado de palavras, como “informação”, “cidadania”, “amizade”, “conhecimento”. Nesse sentido, podemos pensar que a palavra “liberdade”, por exemplo, esteve relacionada a uma perspectiva econômica no séc. XVIII, a uma perspectiva de moral e costumes na década de 1960, e, no séc. XXI, liberdade se relaciona fortemente com uma perspectiva de identidade de gênero e diversidade sexual.

A hipótese de que a “eficácia comunicacional” a partir da “ampliação dos meios de expressão sígnica possibilita uma representação mais rica de seus objetos e, portanto, processos interpretativos mais eficientes” nos pareceu de difícil compreensão sem uma definição mais precisa sobre o que seria “eficiência comunicacional”. Entretanto, o argumento parece bastante alinhado com a proposição de António Fidalgo aplicada ao jornalismo em base de dados (2004). Segundo o autor, a sucessão de informações na comunicação digital pode ser entendida pelo conceito de resolução semântica:

*[...] tal como uma imagem digital aumenta a sua qualidade com o aumento da resolução gráfica, ou seja, com o número de pixels por centímetro quadrado, também a pluralidade e a diversidade das notícias online sobre um evento aumenta a informação sobre o mesmo, aumentando a resolução semântica. [...] A resolução semântica de uma notícia aumentaria na medida em que o seu cruzamento com outras notícias, fossem elas de que tipo fossem, desse origem a novos dados, só acessíveis através desses cruzamentos de informação (Fidalgo, 2007, p. 101-108).*

Finalmente, nas conclusões o autor e a autora apostam na contribuição para o “desenvolvimento da atual compreensão sobre o próprio campo da Comunicação” caso as hipóteses da pesquisa se confirmem. Nesse sentido,

podemos pensar na pertinência da introdução de uma disciplina de lógica nos cursos de Comunicação.

## Referências

- ANDACHT, Fernando. 2004. Entrevista. *IHU Ideias*, Porto Alegre, 437.
- COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. 1981. From Oral to Written Culture: The Transition to Literacy. In: M.F. WHITEMAN (ed.), *Variation in Writing: Functional and Linguistic-cultural Differences*. Hillsdale, Erlbaum, p. 89-109.
- EISENSTEIN, Elisabeth. 1985. On the Printing Press as an Agent of Change. In: D.R. OLSON; N. TORRANCE; A. HILDYARD, *Literacy, Language and Learning: The Nature and Consequences of Reading and Writing*. Cambridge, Cambridge University Press.
- FIDALGO, António. 2007. A resolução semântica no jornalismo online. In: S. BARBOSA (org.), *Jornalismo digital de terceira geração*. Covilhã, UBI.
- FIDALGO, António; SERRA, Paulo. 2004. Do poliedro à esfera: os campos de classificação. A resolução semântica no jornalismo online. In: *Anais II SBP/Jor*, Salvador.
- GOODY, John. 1977. *The Domestication of the Savage Mind*. Cambridge, Cambridge University Press.
- GOODY, John; WATT, Ian. 1963. The Consequences of Literacy. *Comparative Studies in Society and History*, 5(3):304-345.
- HAVELOCK, Eric. 1995. A equação oralidade-cultura: uma fórmula para a mente moderna. In: D.R. OLSON; N. TORRANCE (org.), *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo, Ática.
- HAVELOCK, Eric. 1963. *Preface to Plato*. Cambridge, MA, Harvard University Press.
- LÉVY-STRAUSS, Claude. 1983. *O pensamento selvagem*. Rio de Janeiro, Zahar.
- McLUHAN, Herbert Marshall. 1972. *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo, Nacional; USP
- MICHEL, Mariela; ANDACHT, Fernando. 2016. Passos para uma convergência de duas teorias dialógicas do *self*. *Psicologia USP*, São Paulo, 27(2):246-254.
- ONG, Walter J. 1998. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas, Papirus.
- ONG, Walter J. 1986. Writing Is a Technology that Restructures Thought. In: G. BAUMANN, *The Written Word: Literacy in Transition*. Oxford, Clarendon Press.
- ONG, Walter J. 1958. *Ramus, Method, and the Decay of Dialogue: From the Art of Discourse to the Art of Reason*. Chicago, University of Chicago Press.
- PARRY, Milman. 1928. *L'Épithète traditionnelle dans Homère: essai sur un problème de style homérique*. Paris, Société Editrice Les Belles Letres.
- POSTMAN, Neil. 1994. *Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia*. São Paulo, Nobel.